

expiation is made". [...] Clearly this commandment pertains exclusively to males of the priestly clan not to women, since the verse [Ex 29:33] refers to the holiest sacrifices of which women do not partake. As for sacrifices of lesser holiness that women may eat, such as the divers peace offerings, even though their consumption constitutes a quasi *misvah*, nevertheless it is not on a par with that of the sin- and guilt-offerings. For in the case of the sin- and guilt-offerings, their consumption completes the expiation process [...]. (*Book of Commandments*, positive command 89; cf. *Yad, Ma'aseh ha-Qorbanot* 9:1-4)

Ministering at the entrance

"The laver was made of bronze ... out of the mirrors of the ministering women (**sobe'ot**) who ministered (**sabe'u**) at the entrance of the Tent of Meeting" (Exod 38:8). The only other mention of the **sobe'ot** occurs in the Book of Samuel (1Sam 2:22), where they again appear as a group with official standing among the sanctuary's retinue. But their Samuel appearance is unique to the Masoretic text. There is no trace of any **sobe'ot** either in the Septuagint's Samuel or in the Dead Sea Samuel Scroll (4Q Sam.). Was there a conspiracy afoot to eradicate the **sobe'ot**'s memory? If so, it did not entirely succeed. Almost miraculously, the ministering women escaped oblivion – albeit by the skin of their teeth.

Which brings us to our closing submission. Of the sources congenial to women's ascendancy that we have looked at, most are quite tenuous. Their affirmative voices could easily be drowned; not by rival voices shouting them down, but by strident indifference. For the overwhelming majority of ancient Jewish texts – whether biblical or rabbinic – neither affirm nor proscribe but simply ignore the possibility of women at the religious helm. Now there is no denying that the handful of restrictive pronouncements (such as those of Maimonides cited above) come across as categorical compared to many of the shy, timid pro-women whispers. But it is the still, small voice that we are exhorted to heed. Torah demands it; Torah whose justice is measured by its solicitude for the mute, the tottering, the inadequate (see Isa 42:3; Prov 31:8).

A diáspora de Francisco Sanches, na busca da consciência do Eu

João-Maria Nabais

Assistente Hospitalar Graduado; Universidade de Lisboa

Francisco Sanches, médico e filósofo português cristão-novo, nasce *circa* 1551 "*in civitatae Tudensi*" (inseto na matrícula da Universidade de Montpellier), assim o declara, ter nascido em Tui – *natus in civitate tudensi* – ou possivelmente mais seguro, português de nascimento segundo assento do seu baptismo¹, na jurisdição da diocese de Braga: "*Aos vinte e cinco dias de Julho baptisei Francisco filho de Antonio Sanches fisico e de sua molher Filipa de Sousa padrinho o Comendador Antonio del Castilho e madrinha Maria Gonçalves molher do Licenciado Manoel Aranba moradores na rua do Souto*". Isto pode explicar em parte a questão da sua naturalidade, embora ele se confesse *hispanus*, tal como o nosso Pedro Hispano (Papa João XXI), a si próprio se referia como antropónimo, trezentos e cinquenta anos antes².

Como se descreve, é filho de António Sanches e de Filipa de Sousa, baptizado a 25 de Julho de 1551, na primitiva igreja paroquial de São João do Souto, tendo em Braga efectuado os seus primeiros estudos no colégio jesuíta de S. Paulo, onde terá tomado contacto com as primeiras fontes de conhecimento do homem e do mundo. Não é despiciente pensar no papel fundamental do pai, médico prestigiado, como tutor e conselheiro nos primeiros anos de estudo do filho.

Em 1562, ainda jovem, parte com os pais para França – Bor-

¹ JOSÉ MACHADO, documento publicado no 1.º volume do Boletim da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, (A.D.B. – Registo Paroquial, Braga – Souto, S. João, Lv. Misto 1, fls. 83).

² SÉRGIO DA SILVA PINTO, *Francisco Sanches, Vida e Obra*, Ed. Bracara Augusta, Braga, n.º 28, 1952.

déus, como tantos outros portugueses de origem judia, muito naturalmente para fugir à Inquisição (ou Tribunal do Santo Ofício já estabelecido em Portugal³ desde 1536 no reinado de D. João III, através da primeira bula *Cum ad nihil magis*, de 17 de Dezembro de 1531). Uma viagem em busca de lugares de maior tolerância e liberdade religiosa⁴, já que o judaísmo será por cá o delito mais comum durante os séculos XVI e XVII. Aí matricula-se no colégio de Guiana que fora reestruturado, de 1534 a 1536, por André de Gouveia célebre humanista e pedagogo. Este colégio será um activo centro de renovação do ensino, com independência e liberdade intelectual⁵ sob a influência do renascimento italiano e do reformismo religioso. Pela dedicação à ciência, pelo interesse dedicado aos textos antigos, pelas tendências liberais e por vezes heterodoxas (do grego: *heterodoxos*, “de opinião diversa”) dos seus professores, esta escola representa o advento da nova ciência, da razão pura e da livre investigação, e que vai ter uma importância fundamental para a definição do espírito moderno e crítico de Francisco Sanches⁶.

Em 1569, dirige-se a Itália onde se matricula no Archigimnasio della Sapienza⁷, em Roma, para prosseguir os estudos em Medicina. Especializa-se em observações anatómicas e cirúrgicas, influenciado pelos trabalhos de Realdo Colombo, Vesálio e Falópio⁸. Retorna quatro anos depois, a França em 1573, ingressando em 21 de Outu-

³ ANTÓNIO BORGES COELHO, *Cristãos-novos judaicos e os novos argonautas*, Lisboa, 1998, p. 80.

⁴ JORGE MARTINS, *Portugal e os Judeus*, vol. I, Documenta Histórica, Lisboa, 2006, pp. 144, 145.

⁵ ARTUR MOREIRA DE SÁ, *Francisco Sanches*, Idearium (Antologia do Pensamento Português), são três os filósofos coetâneos da região de Bordéus, Michel de Montaigne (1533-1592), Pierre Charron (1541-1603) e Francisco Sanches (1551-1623), Lisboa, 1948, p. 14-17.

⁶ IDALINA PROENÇA MAIA, *O Problema do conhecimento em Francisco Sanches*, dissertação de mestrado em Filosofia, 2003, p. 55.

⁷ ARTUR MOREIRA DE SÁ, *Francisco Sanches*, Idearium (Antologia do Pensamento Português), Lisboa, 1948, p. 8.

⁸ MARGARIDA SILVA PINTO, FRANCISCO SANCHES, (ca. 1551-1623), *Filósofo, matemático e médico*, Tesouros Biblioteca Nacional, Lisboa, 2004.

bro na Faculdade de Medicina de Montpellier, então reconhecido centro de estudos médicos. Logo a 29 de Abril do ano imediato está licenciado em Medicina e a 4 de Junho adquire o título de doutor. Ao não ter obtido o lugar no concurso público para a cátedra de professor de Medicina desta faculdade (muito provavelmente pelas suas ascendências judaicas), em 1575, fixa residência em Toulouse até ao fim da vida, onde vai nos primeiros anos entregar-se ao estudo e ensino da Filosofia, e logo mais da Medicina.

Será nesta cidade e na Universidade toulousana que vai redigir e demonstrar todas as suas qualidades de filósofo e médico.

“Toulouse é que seria o remate das suas peregrinações e onde assentou arraiais para a vida e para a morte. Aí leccionou, primeiro em Artes, depois em Medicina. Aí constituiu família e lbe nasceram os filhos” (Cruz Malpique).

A partir de 1581 exerce funções de médico no Hospital Saint-Jacques, devido à amizade do eminente professor Angier Ferrier, cargo onde vai ser director dos serviços médicos aproximadamente quarenta anos.

Em 1585 é chamado, por convite, para professor da Universidade de Toulouse, onde ensina durante 25 anos – primeiro na Faculdade das Artes e Letras onde exerce até 1610, e por fim na Faculdade de Medicina⁹ até ser jubilado onze anos depois.

Em 16 de Novembro de 1623, desaparece do mundo dos vivos após viver a maior parte do tempo em França. A prática médica foi sempre o seu ofício e principal fonte de rendimentos, talvez por isso, uma boa parte dos escritos sobre Francisco Sanches, filósofo, têm sido redigidos por médicos.

⁹ ARTUR MOREIRA DE SÁ, *Francisco Sanches, Filósofo e matemático*, vol. I, Lisboa, 1947, “A 18 de Outubro de 1610 inaugurou Sanches as suas lições na Faculdade de Medicina, tendo começado pelo ensino da patologia interna (*De morbis internis*) no Proêmio a esta matéria, indica Francisco Sanches qual será o seu programa, sem dúvida revolucionário para a época. Com efeito indica que por a vida ser breve e a matéria longa, não consumirá nas aulas muitos anos a ler sacrificando os assuntos referentes ao conhecimento, essência, definição e prognóstico das doenças, mas ocupar-se-á de terapêutica e nesta somente o que até hoje nos ensinou a nossa longa experiência”, pp. 130,131.

Além de médico, foi um eminente filósofo, ao contestar de modo radical a filosofia de Aristóteles¹⁰ e o suposto saber da escolástica¹¹ (atitude intelectual caracterizada pelo verbalismo formal, conformista e pelo culto sem fundamento dos mestres); ao tentar definir o seu próprio ideal de conhecimento aponta o testemunho falível dos sentidos, denunciando a ineficácia dos métodos tradicionais. Segundo ele “... o verdadeiro conhecimento é impossível, para isso temos que usar de uma rigorosa e contínua conduta de ensaio e análise ...”.

Francisco Sanches, revela-se contrário à pretensão de uma *ciência feita* e um adversário do dogmatismo científico-filosófico. Precursor da crítica gnoseológica cartesiana e do experimentalismo de Bacon, manifesta também a sua insatisfação em relação à metafísica e à *pseudo-ciência* dos escolásticos.

Formado no seio da disciplina e do ensino tradicional¹², em breve se emancipa devido a um sentido crítico notável. Contraria a ineficácia da física aristotélica e da cosmologia de Ptolomeu; do mesmo modo o seu pensamento é oposto à lógica e dialéctica preconizadas pelo platonismo, e pelas escolas estóica e epicurista, na demanda da verdade.

Francisco Sanches, com a sua formação intelectual francesa e italiana, torna-se um dos muitos e grandes sábios portugueses, embora escrevendo em latim, como era habitual, e um dos maiores fi-

¹⁰ I Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. XXVI, pp. 907-909, Lisboa, 1945.

¹¹ ARTUR MOREIRA DE SÁ, *Francisco Sanches*, Idearium (Antologia do Pensamento Português), Lisboa, 1948, “Podemos e devemos distinguir duas fases nítidas do pensamento sancheseano, exposto nos seus livros de filosofia: uma destrutiva, em que procura mostrar que a filosofia aristotélica-escolástica estava errada e outra construtiva, em que investiga se há conhecimento e se, portanto, haverá alguma coisa que sirva de base à ciência, p. 59. Francisco Sanches também discordou de que se pudesse obter ciência por meio da demonstração e continua o próprio Sanches “*não passa de uma sonbo de Aristóteles, semelhante à República de Platão, visto que nada é e em parte alguma existe*”, p. 67.

¹² ARTUR MOREIRA DE SÁ, *Francisco Sanches*, Idearium (Antologia do Pensamento Português), Lisboa, 1948, “A filosofia na grande época da actividade marítima e de expansão é claramente o que poderíamos designar por *pragmatismo vivido*, segundo o Prof. Vieira de Almeida”, p. 11.

lósofos que, na época da Renascença, vai alcançar renome europeu. É plausível e quase certo que se tivesse permanecido em Portugal, num período da história já prenunciador do declínio que iria levar esta nação, à perda da independência com a união das duas coroas peninsulares, o nosso médico-filósofo nunca teria atingido o prestígio intelectual obtido além-fronteiras.

A postura de Francisco Sanches, ao confrontar-se com as falsas e antigas respostas para a fundamentação da Ciência, vai rejeitá-las de seguida, ao aludir a um novo método de estudo e análise “*na razão e na experiência*”¹³.

Também recusa atribuir um papel privilegiado a qualquer língua no que concerne à pretensa capacidade da mesma para dizer *mais adequadamente* a mesma coisa¹⁴: “*as palavras não têm nenhuma faculdade de indicar a natureza das coisas a não ser aquela que lhes vem do arbítrio de quem as cria*”, mais “*o facto de as línguas continuamente se alterarem*”.

O seu método de interpretação da natureza e a sua propensão para a dúvida, pela incerteza em dar respostas na busca da verdade, aproximam-no da doutrina filosófica do Cepticismo Construtivo, com Montaigne, mas subordinando-a totalmente a um Deus Todo-Poderoso, criador e origem de todo o Universo; tal como mais tarde Galileu¹⁵ confirmou no plano da ciência experimental reconhecendo que a ordem do Universo é um sistema de leis que traduz a sabedoria e a presença de um supremo arquitecto¹⁶.

Culturalmente, integra-se nas correntes do pensamento renas-

¹³ ANTÓNIO AZEVEDO, *Da Epistemologia e Metodologia de Francisco Sanches*, Coleção Pensamento e Filosofia, Instituto Piaget, Lisboa, 2006, “Esta deslocação reflecte, por um lado, o esgotamento das pretensões aristocráticas do pensamento clássico (e escolástico) de poder conhecer as coisas sem lhes tocar, de chegar à síntese sem análise e, por outro, a emergência de uma nova atitude: o intelectual começou a mexer nas coisas, quebrando o abismo clássico entre *theoria* e *techné*. O caso onde o intelectual vivia começava a desfazer-se. O facto de Francisco Sanches ser médico muito contribui para esta nova atitude metodológica.”, pp. 17, 18.

¹⁴ FILIPE PEREIRINHA, *Os Nomes e as coisas*.

¹⁵ FERNANDO REIS, *Francisco Sanches (1550 ou 1551-1623)*, Ciência em Portugal, Centro Virtual Camões.

¹⁶ PEDRO CALAFATE, *Francisco Sanches*, Filosofia Portuguesa, Centro Virtual Camões.

centista e o seu principal e mais conhecido livro que chegou até nós, “*Quod Nihil Scitur*” (Que Nada se Sabe), vai influenciar a história do Pensamento Filosófico Europeu. Escrito em 1576, sai como 1.^a edição em 1581 – Lyon, mas a sua 2.^a edição (Frankfurt, 1618) leva o título mais de acordo com o seu pensamento: “*De multum nobili et prima universali scientia quod nihil scitur.*”

A dúvida do nosso médico-filósofo é uma dúvida metódica, sistemática, prudente e construtiva. No seu livro¹⁷ refere “*Estou refugiado em mim próprio e, ao pôr tudo em dúvida como se nada até aqui houvesse sido dito, começarei por examinar a própria realidade – será esta a condição para atingir o verdadeiro saber do conhecimento*”; isto é, a experiência submetida à razão em verdadeira simbiose – uma não pode passar sem a outra.

Francisco Sanches ao percorrer a sua diáspora (devido quase certo à sua origem judia como *converso*¹⁸), ausenta-se ainda criança do país que o viu nascer, além de mais tarde ser preterido ao lugar de professor de Medicina em Montpellier – como muitos outros, antes ou depois dele irão sofrer –, vai perspectivar ao longo da vida a *consciência do eu*, segundo o conceito da *dupla consciência*, tanto emocional ou sentimental como física, dividido psicologicamente por uma dupla fixação: um sentimento de saudade ao país de origem e uma reconhecida gratidão à nova terra de acolhimento, na luta do Homem pela sua própria sobrevivência.

Importância histórica de Francisco Sanches

A partir dos séculos XIV-XV, a Europa é abalada por diversas convulsões, diferentes na essência, mas todas elas apontam para um tempo histórico – a Idade Moderna, são exs. o Humanismo, Renas-

cimento, Imprensa e Descobrimientos, que vão ajudar a implantar o *Reino dos Homens aqui na Terra*.

O Renascimento, é um amplo movimento de renovação cultural, assente na redescoberta e reinterpretação da cultura clássica greco-romana, na Pintura, Música, Literatura, História, Filosofia, Arquitectura que coincide com o início das grandes viagens de exploração marítima. No que toca às Letras, de princípio com Petrarca e Boccaccio, este movimento vai tomar a designação de Humanismo Renascentista. No entanto há várias interpretações de Humanismo, mas sempre reconhece o homem como primado dum espírito nobre e sublime.

O Homem da Renascença vai transformar o conceito de Ciência, ao fazer surgir novas metodologias na arte de dirigir o espírito, na investigação da verdade e ensaiar novas abordagens e técnicas de criação.

A partir de agora, o Ocidente vive um período de grandes mutações, sobretudo ao nível da vida espiritual e cultural que deixa de ser controlada pela igreja, abrindo o despertar para uma nova cosmovisão do mundo e do papel central do homem pelo estudo criterioso da Antiguidade clássica greco-romana, feito pelos humanistas após a longa noite de mil anos que durou a Idade Média – a idade das trevas, segundo Petrarca, iniciada com a decadência do Império Romano.

Na História da Ciência¹⁹, esse período coincide com as observações de Galileu, Kepler, Newton e outros pensadores que no século XVII iniciam as suas pesquisas e descobertas numa verdadeira Revolução Científica. A partir desse tempo, a Ciência, tal como a Medicina nas universidades – até aí estavam regidas à Filosofia –, separam-se e passa a existir um conhecimento e uma experiência melhor estruturados e mais funcionais.

¹⁷ FRANCISCO SANCHES, ca 1551-1623, *Franciscus Sanchez Philosophus et Medicus Doctor. Quod Nihil Scitur*. Lugduni: apud Ant[onium] Gryphium, Lyon, 1581.

¹⁸ ADRIANA ÍTALO, *Dubito Ergo Sum - Páginas de Cepticismo, do céptico Renascentista ao Filósofo Natural Moderno*, 1999.

¹⁹ JOÃO-MARIA NABAIS, *Avanço das novas ciências do renascimento*, Revista do ACPMP, n.º 117, 2006.

Com o advento do Renascimento em Itália e as suas três fases designadas de *Trecento*, *Quattrocento* e *Cinquecento*, respectivamente, a concepção do Homem altera-se: a Razão humana orienta o destino da Humanidade dentro das novas correntes do pensamento para rumos ainda inimagináveis, até a um novo modelo antropocêntrico – o homem como centro do mundo – e heliocêntrico de mundividência, tendo como limite uma explicação racional do Universo.

Neste processo, assumem destaque Duarte Pacheco Pereira (Navegador, geógrafo e militar: 1469-c.1533), Garcia de Orta (Médico Naturalista: c. 1500-1568) e Francisco Sanches, que oferecem ao estudo gnoseológico e cognitivo um novo conhecimento pelo experimentalismo e uso de novas ferramentas de investigação e descoberta científica, para o campo dos Descobrimentos e da emergente Ciência moderna.

Paralelamente a esta dimensão, está em curso um debate filosófico, teológico, científico e literário que atinge os círculos intelectuais, as universidades e os centros de cultura de toda a Europa, a chamada “*crise da consciência europeia*”; são exemplos de grandes vultos na altura: Erasmo, Rabelais, Montaigne, etc. O homem é a medida de todas as coisas, o centro do interesse e vai tomar conta do seu destino com a ajuda do pensamento, imaginação e confiança no labor da sua obra. A realidade e a verdade nada têm de acabado e absoluto, estão em permanente mutação.

Também pela Europa fora vão contribuir decisivamente, nos séculos XVI-XVII, para este novo *corpus* do conhecimento e, uma outra visão de pensar e ver o mundo: Francis Bacon, Descartes, Galileu e Newton.

É por esta altura, depois de Sanches se ter fixado em Toulouse que quatro anos depois (1579) surge nesta cidade Giordano Bruno, um antigo dominicano e filósofo, cujas ideias revolucionárias anunciam a ciência moderna. De início é bem aceite nos meios académicos da universidade leccionando e escrevendo de modo febril tal

como o seu temperamento impulsivo e arrebatado²⁰. Após dois anos nesta cidade é obrigado a percorrer sucessivamente várias universidades: Toulouse, Paris, Oxford, pelo desassossego escolar (*furor scholasticus*) e hostilidade, provocados pelos adversários que não perdoam as suas atitudes e pensamentos heréticos.

Giordano Bruno um visionário humanista cujas teorias, ao não ter abjurado algumas das suas teses mais revolucionárias (tal como o fizera Galileu), inscritas no seu livro *De l'infinito universo e mondi* (1584) ou “Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos”, como sejam – “*o universo seria infinito, povoado por milhares de sóis e planetas alguns contendo vida inteligente*” ou “*somente um universo infinito seria compatível com a ideia de um Deus infinito que o habitava*”, o levam a ser condenado a morrer na fogueira, em Roma (1600), pois as suas ideias, de uma filosofia panteísta defendendo a teoria heliocêntrica de Copérnico, estavam em total desacordo com as teses aristotélicas e de outros dogmas candentes da Igreja católica.

O Homem, numa luta eterna contra o tempo, tem a necessidade última, através de um sem número de práticas e normas, de procurar definir o seu próprio ideal de conhecimento, para ser eficaz na utopia de alcançar a perfeição.

Reconhece-se a importância da obra de Francisco Sanches “*Quod Nihil Scitur*”²¹, que teve larga difusão na Europa do seu tempo, como prenunciador do *Discurso do Método* de Descartes, já que se tem como certo, por alguns indícios, que este se terá informado do trabalho de Sanches.

Para Sanches, a experiência era tudo, o alfa e ómega da boa preparação intelectual. Aonde ela não chegasse tudo era precário²², até

²⁰ JOAQUIM DE CARVALHO, *Francisco Sanches versus Giordano Bruno?, uma conjectura acerca do Quod Nihil Scitur*, Separata de *O Instituto*, Coimbra, 1953, pp.14, 15, 16, 20, 21.

²¹ FRANCISCO SANCHES, *Opera Philosophica*, subsídios para a História da Filosofia e da Ciência em Portugal (publicados por Joaquim de Carvalho), Coimbra, 1955.

²² CRUZ MALPIQUE, *Francisco Sanches (1551-1623), “Anti-magister dixit” e pregoeiro da experiência*, Sep. Rev. Bracara Augusta, Tomo XXXII, Braga, 1978.

mesmo a ciência silogística “*ficção subtil, de muito dano e nenbum proveito: afasta os homens da realidade*”.

Dois assuntos dominaram o espírito do seu pensamento: a teoria constituinte do Saber e a teoria explicativa da Natureza. Na obra do filósofo sente-se a formação médica, e na obra do médico não raro irrompem ideias do filósofo, designadamente do *Quod nihil scitur*²³.

A ligação entre este e a modernidade está pois estabelecida. A sua actividade enquanto médico e filósofo deu origem à publicação da magnífica “*Opera Medica*” pelos filhos e por Delassus, seu discípulo dilecto que primeiramente reuniu e editou as teorias do mestre, no ano de 1636, em Toulouse. Em “*Opera Medica*” recolheu quinze estudos breves referentes à hoje designada clínica médica ou medicina interna. As obras médicas propriamente ditas, coligiu-as na “*Summa Anatomica*”.

Além de médico e pensador, Francisco Sanches revelou-se ainda um destro poeta com o poema acerca do cometa de 1577, *Carmen de Cometa*, um trabalho didáctico cujo tema, fundamentalmente de ordem científica, evidencia um trabalho estilístico de atenção. É certo que Sanches deve ter incomodado muitos dos seus pares, tanto como físico acompanhando de perto os seus doentes como na interpretação e no saber filosófico seiscentista²⁴.

Segundo Joaquim de Carvalho, “*O seu conbecimento não arrançou de livros, mas da sua própria experiência e teve por objecto uma teoria da ciência e uma teoria explicativa da Natureza com o tipo de saber que o médico aplica.*”

“*Muito há ainda de conjectural a respeito da vida e da obra de Francisco Sanches e talvez assim o permaneça para todo o sempre*”²⁵.

Como homenagem póstuma, foi colocado na Universidade de

²³ JOAQUIM DE CARVALHO, *Francisco Sanches, filósofo*, Ed. Bracara Augusta, Braga, 1952.

²⁴ LUÍS DE PINA, *Francisco Sanches e a sua lição de Ética na Medicina*, Ed. Bracara Augusta, Braga, 1952, n.º 31, – “*Sanches remexeu, um tanto de seu filosofar e clinicar, em muita miséria física e moral ou intelectual. Revolveu muito lodo e muita lama mas a tarefa não lhe escurentou a limpeza de espírito. Lembra-nos o dístico velbo, Radius solis, et si cum stercore conversabitur, purus manet, que é com quem exclama o raio solar, embora toque na imundície, fica puro*”, p. 5.

²⁵ Joaquim de Carvalho no Brasil, *Juízos e depoimentos*, Atlântida – Coimbra, 1958, pp. 115-117.

Toulouse o seu retrato, na Sala dos Actos da Faculdade de Medicina, e lá permanece ainda. A cidade de Braga não o esqueceu, erguendo uma estátua e dando o seu nome a uma escola. Também Lisboa tem uma rua com o mesmo nome.

Considerações finais

A força invisível dos Judeus Sefarditas²⁶ portugueses nesta época histórica de transição para a modernidade, depois das provações, infortúnios, perseguições, indo até ao limite extremo da tortura e massacres, na longa e nova diáspora²⁷ por que passaram, é de terem descoberto que o segredo para o avanço e progresso do mundo, e também deles próprios como nação, está na observação atenta e no saber, desde os estudos primordiais nos *bancos* de escola, numa verdadeira aprendizagem das nossas vidas de todos os dias.

Os médicos judeus portugueses obrigaram-se desde sempre a hábitos de leitura, de escrita, de investigação e exegese dos textos clássicos e de interpretação da antiga e da nova filosofia. Com esta simples mas grande atitude, de dedicação, inteligência, trabalho e uma forte resiliência para conseguir atingir uma cultura superior, impuseram-se ao mundo num período de grandes transformações, roturas e avanços na grande gesta da Humanidade. Muitos estavam demasiado avançados para o seu tempo.

Francisco Sanches, personalidade riquíssima, foi e será sempre um vulto proeminente do Humanismo europeu, contra o dogmatismo da autoridade do “*magister dixit*”, que deslumbra com o seu saber, método científico, gosto pelo exercício da inteligência, ampla capacidade dialéctica e analítica, e mesmo com a sua arte literária.

Os pontos de vista e análises filosóficas do seu pensamento, ba-

²⁶ ESTHER BENBASSA e ARON RODRIGUE, *Historia de los judios sefardies – De Toledo a Salónica*, 2004, pp. 13, 14, 55, 58.

²⁷ ANTÓNIO BORGES COELHO, *Cristãos-novos judeus e os novos argonautas*, Lisboa, 1998, p. 86.

seados no seu mais importante trabalho e logo por isso considerada a sua obra-prima “*Quod Nihil Scitur*”, e a sua celebérrima proposição “que nada se sabe” vão influenciar a Europa culta da primeira metade do século XVII, prenunciando a nova ciência e os tempos modernos.

Francisco Sanches, um dos maiores da História do Pensamento Filosófico Português viveu uma vida acima do comum, mas *nada legou à posteridade sem estar seguro da sua eficácia*.

Obras

Entre outros livros seus que se encontram perdidos, dos que felizmente ainda chegaram até nós, temos:

- *Carmen de Cometa*, 1577.
- *Quod nihil scitur*, 1581.
- *De divinatione per somnum*, ad Aristotelem, 1585.
- *Opera Medica*, 1636, que inclui três pequenos tratados filosóficos: 1. *De Longitudine et Brevitate vitae, liber*; 2. *In lib. Aristotelis Physiognomicon, Commentarius*; 3. *De Divinatione per Somnum; Quod Nihil Scitur, liber*.
- *Tractatus Philosophici*, 1649.
- *Carta a Clávio*, uma carta consulta a Cristóvão Clávio, descoberta e publicada no século XX, 1940.

Parte IV

Vida da Cátedra

(organização de Susana Bastos Mateus e Paulo Mendes Pinto)